
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionário hebraico-português e aramaico-português. / Nelson Kirst... (et al.). — Petrópolis: Vozes, 1988. 305 pp., 24 x 16,5 cm. Co-edição: São Leopoldo: Sinodal. ISBN 85-233-0130-5

A publicação deste dicionário é um acontecimento invulgar em nosso país. Obras lingüísticas dessa natureza, que requerem recursos técnicos especializados na grafia e composição do texto, merecem do público e da crítica elogios incondicionais. Este dicionário representa um excelente instrumento de trabalho elaborado por uma equipe de tradutores que se esmeraram por verter em português, com precisão e concisão, o significado dos vocábulos hebraicos e aramaicos do texto da Bíblia.

Entretanto, a numerção dos vocábulos homônimos diverge da adotada por outros dicionários. Por exemplo: enquanto aqui se mencionam três formas homônimas de *'ādām*, outros léxicos trazem cinco; assim, *'ādām* II significa aqui um nome próprio, mas nos léxicos standardizados *'ādām* II tem o sentido de "couro". Muitos outros exemplos poderiam ser citados.

Surge então a pergunta pela razão de não se mencionar na introdução que esse dicionário é uma tradução e adaptação portuguesa da obra em inglês de HOLLADAY, William L.: *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. E. J. Brill, Leiden, 1971. 425 pp. Já que os tradutores se basearam nesta obra, deveriam ter indicado o critério seguido na listagem das formas homônimas, para evitar a confusão que resulta na citação dos homônimos. Na forma como está, não há concordância com nenhum dos outros dicionários. A grande vantagem desta obra, porém, é a versão portuguesa de vocábulos, cujo sentido se conhecia somente por sua tradução de outras línguas modernas.

Luís Stadelmann S.J.

DUNCAN, Quince — POWELL, Lorein: *Teoria y practica del racismo.* — San José: DEI, 1988. 171 pp, 21 x 13,4 cm. (Coleção: análisis) ISBN 9977-904-72-3

Se escolhe alguns grupos para vitimar, a ideologia racista não é privilégio de qualquer grupo de risco; ela forja atitudes, opiniões e militância nos mais diferentes espaços e segmentos da nossa sociedade. Recente documento da Comissão de Justiça e Paz da Sé Romana, em bela abordagem do tema, recorre de modo inopinado à racista expressão "denegrir", corroborando com aqueles para os quais tornar negro é fazer feio, inferior, negativo, infamante. Por isso é importante uma obra como esta, cuja intenção é tornar patente, a nível internacional, a presença e vitalidade do africanismo e do povo negro na formação e desenvolvimento das nações centro-americanas.

Teoria y práctica del racismo reúne quatro artigos da autoria de Quince Duncan e Lorein Powell. O primeiro é delegado da América Latina na Comissão Mundial de Igrejas. No cap. I este A. expõe magistralmente os conceitos de raça, etnia, racismo e etnocentrismo. Destoa aqui a tibia abordagem de classe e raça na América Latina (27-30), logo seguida de excelente tipologia (não exaustiva) do racismo (37-48) historicamente configurado. Duncan consegue demonstrar que o racismo não é só doutrina, mas também uma opinião e atitude prática, da qual a maioria dos que assumem atitudes racistas não se apercebe. Urge lutar contra suas causas e consequências, de modo estratégico, em vista de uma sociedade pluralista onde as raças, etnias, culturas, etc, sejam respeitadas igualmente nas suas diversidades e na sua auto-determinação.

A quatro mãos os AA. tratam das relações inter-raciais na Costa Rica e no Panamá (cap. II), constatando que naqueles países a visão sobre o negro é mítica e marcadamente racista. Panamá e Costa Rica foram aqui agrupados porque reúnem, enquanto situados no sul do Caribe Peninsular (Caribe Centro-Americano ou Costa Atlântica), muitos fatores comuns. Os negros que aí aportam são antilhenses guerreiros que, para além da escravidão, conservam muitas heranças culturais.

No cap. III, Lorein Powell analisa as categorias raça e classe na literatura, a partir dos romances *Puerto Limón* (do costarrriquenho Joaquín Gutiérrez Mangel) e *Fior de Banana - Noche de Fruta* (do panamenho Joaquín Beleño). O primeiro (1973) veicula duas mensagens: uma explícita, de caráter político de libertação para a classe operária; outra implícita, manifestações inconscientes de condutas racistas que excluem o negro da classe operária e patronal, considerando-o mesmo estorvo para a coesão e unidade dos trabalhadores. *Fior de Banana* rompe o tabu do indígena submisso, denuncia o racismo do branco panamenho, mas a nível de mensagem não-verbal se contradiz: o indígena é incapaz como homem, distingue-se do branco enquanto é primitivo e inferior. O estilo denso e múltiplas citações sugerem que este capítulo é excerto da tese de graduação do A. — *Lectura (en crisis) de tres obras escritas* (Costa Rica, Universidad Nacional, 1985). Destoa do restante da obra, mas cumpre seu propósito de dar ao leitor chaves e critérios para detectar uma obra literária racista.

No último capítulo, Duncan volta à cena para corrigir "erros" de alguns historiadores mal-intencionados e apresenta-nos alguns povos africanos na África-mãe, antes da invasão europeia. Surpreende-nos aqui a ausência do elemento religioso, tão constitutivo dos povos africanos e seus descendentes em diáspora.

Se não pela proximidade temática e geográfica, as afinidades raciais, culturais e históricas que nos unem aos negros costarrriquenhos e panamenhos justificariam (senão exigem) uma maior referência bibliográfica e alguns clássicos de autores brasileiros igualmente empenhados na luta contra "as formas ideológicas de dominação racista, contra as opiniões racistas e pela erradicação da discriminação racial, enfim, contra tudo o que gere ou perpetue o racismo" (49).

Alfredo Souza Dorea S.J.

RUIZ, María Teresa: *Racismo algo más que discriminación.* — San José: DEI, 1988. 181 pp., 21 x 13,2 cm. (Coleção: análisis) ISBN 9977-904-58-8

Este estudo sociológico de M.T.R., partindo da realidade da população negra de origem antilhense, na Costa Rica e Panamá, contribui de modo admirável para uma abordagem do racismo enquanto forma de consciência social do mundo moderno, herdeiro da expansão colonial.

Algo mais que discriminação, o racismo tem sido das mais freqüentes categorias em favor da dominação mercantil, burguesa, capitalista. Não raro assume ares de "espiritualidade" no mundo moderno, ensejando "teologias" que negam ao negro, indígena e outros segregados, a filiação divina, o ser de Deus.

Pessoas interessadas em teologia têm em "Racismo, algo más que discriminación", precioso instrumento de trabalho, uma vez que — afirma Santo Tomás de Aquino — "um erro acerca do mundo redundando em erro acerca de Deus" (*Suma contra os Gentios*, II, 3). Aos que, na lide teológica, necessariamente devem recorrer às mediações sócio-analíticas, a A. oferece, com rigor científico, uma análise do racismo enquanto ideologia de dominação, indicando mesmo pistas para superá-lo.

Os dois primeiros capítulos, de caráter histórico, levam-nos à chegada dos negros das Antilhas nas novas repúblicas da Costa Rica e do Panamá. Excepcional a abordagem da educação como co-ação extra-econômica (71-92). A escola apreciada enquanto veiculadora de uma história etnocêntrica e racista.

O terceiro e último capítulo, muito mais denso, registra a análise teórica e empírica que a A., faz do racismo, a partir das relações interétnicas. O ponto de partida são pesquisas feitas em 1986, junto a crianças do último ano de escolas primárias dos países em apreço. Os resultados ratificam a complexidade da questão étnico-racial e desmentem todo e qualquer discurso que, a título de uma pseudo-reconciliação, comunhão ou fraternidade, apascente, sob o slogan de "um só povo", as nossas diversas e conflitivas "muitas raças".

A.S.D

BRIEND, Jacques: *O livro de Jeremias.* / Tradução (do francês) Nadyr de Salles Penteado. — São Paulo: Paulinas 1987. 78 pp., 23 x 16 cm (Coleção: cadernos bíblicos; 40) ISBN 85-05-00522-8.

Temos em mãos uma ótima introdução ao livro de Jeremias. De maneira sucinta e clara, JB vai apresentando uma série de aspectos que nos permitem ir adentrando, pouco a pouco, no livro do profeta de Anatot. Jeremias viveu num período conturbado da história de Israel. Neste contexto, transmitiu uma mensagem dura de ser aceita por seus contemporâneos. Ele foi um solitário. A firmeza e a dureza do ministério profético — sua "via-sacra" — nos impressionam até hoje.

Além da introdução, onde o A. fala da pessoa do profeta e das fases de sua pregação, o livro se divide em dez tópicos. O primeiro situa Jeremias no contexto histórico — nacional e internacional — de sua época. O segundo estuda o livro como tal: os grandes blocos que o compõem, sua gênese a partir do texto ditado a Baruc,

as primeiras edições (exílica e pós-exílica). O Terceiro compara o Texto Massorético de Jeremias com o da Septuaginta, estabelecendo as diferenças quanto à ordem dos capítulos e a brevidade do texto grego. Os capítulos seguintes estudam Jr 1,4-19 (a missão do profeta), 2-20 (seu ministério), os gestos simbólicos e as visões, as "confissões de Jeremias", a abertura do profeta para a esperança e a restauração da aliança, a "paixão" do profeta e Jr 46-51 (os oráculos contra as nações). No final dos capítulos 4,5 e 8, o A. oferece pistas para uma leitura mais aprofundada do texto de Jeremias. O volume se encerra com uma pequena bibliografia.

O texto de JB poderá ser de grande utilidade para quem está se aproximando, pela primeira vez, da obra jeremianiana.

J. V.

GONZÁLEZ APAZA, María Victoria: *Mujer marginada.* / Introdução Víctor Codina. — Oruro: CISEP, 1988. 124 pp., 19,7 x 14 cm.

A partir de sua experiência com mulheres das classes populares num bairro da periferia de Cochabamba (Bolívia), a A. procura fazer uma teologia a partir da mulher marginalizada.

A primeira parte consta de testemunhos recolhidos entre as mulheres do bairro sobre a vida e suas dificuldades, o sentido de pessoa, a mulher no casamento, a autovalorização da mulher, o sentido de Deus, a presença de Nossa Senhora, o sentido de festa, o posicionamento da mulher na sociedade, seu compromisso político e sua luta. São dezenas de testemunhos, apresentando condições de vida infra-humanas.

Na segunda parte, a A. apresenta a mulher no AT, no NT e na tradição, na intenção de confrontar com o que trouxe na primeira parte. Não há maior novidade no que escreve. Além disso, há um cap. sobre a mulher na realidade latino-americana: marginalização na época colonial, a visão andina de certo equilíbrio entre maculino e feminino, a consciência da marginalização e a resistência à mesma.

A terceira parte — reconhece-se perfeitamente o esquema ver-julgar-agir — aponta a desafios a perspectivas. O primeiro desafio e perspectiva (o recenseador crê que o título deve ser entendido como uma "hendyadion", numa unidade) é ler o Evangelho a partir da mulher (evidentemente: a da mulher oprimida, em contraposição à teologia feminista do Primeiro Mundo). O segundo desafio-perspectiva, desdobrado em três aspectos, trata da contribuição específica da mulher marginalizada à teologia por sua fé, sua religiosidade e sua nova imagem de sociedade.

Como se vê, é uma tentativa incipiente de teologia latino-americana da libertação escrita na perspectiva da mulher. Vale como tentativa.

F. T.

SCHMITZ, Josef: *Filosofía de la Religión*. / Tradução (do alemão) Claudio Gancho. — Barcelona: Herder, 1987. 216 pp., 19,8 x 12,2 cm. (Coleção: biblioteca de teología; 9) ISBN 84-254-1525-X

Na situação atual a religião oferece certamente um quadro desconcertante sob todos os pontos de vista. A justaposição a escala mundial de religião e de irreligiosidade ou crítica à religião implica o mútuo questionamento das pessoas religiosas e não-religiosas. E dentro do campo da religiosidade cabe consignar processos totalmente opostos: o desaparecimento da substância religiosa das religiões institucionalizadas e o renovado e crescente interesse pelas experiências religiosas fora de tais instituições. Adverte-se ainda a perda de relevância das religiões na civilização ocidental e a nova importância política das religiões no contexto dos países em vias de desenvolvimento.

Esta *Filosofia da Religião*, dentro da coleção "Biblioteca de Teología", pergunta-se pela essência e propriedades, pelo sentido e pelo direito da religião. Toca só de passagem a crítica da religião, que conta com um volume próprio na coleção (cf. Hans Zirker: *Crítica de la Religión*. Nota bibliográfica por X. H. em *Persp. Teol.* 18, 1986, 412), e persegue antes uma filosofia da religião no sentido de buscar suas razões e fundamentos. Tal justificação não se prova mediante a demonstração da existência de Deus, objeto da religião, que também conta já com um volume específico (cf. Otto Muck: *Doctrina filosófica de Dios*). Frente à razão humana, a religião tem antes que acreditar-se como uma forma de vida que merece assentimento sob o aspecto da humanidade em geral e o que o livro procura é pôr de manifesto que a religião representa uma interpretação coerente e legítima da existência humana.

Ed. H.

WEGER, Karl-Heinz: *Lá crítica religiosa en los tres últimos siglos*. Dicionario de autores y escuelas. / Tradução (do alemão) Claudio Gancho. — Barcelona: Herder, 1986. 404 pp., 19,8 x 12,2 cm. ISBN 84-254-1499-7

O cristianismo sempre esteve em controvérsia com críticos da fé. Mas desde a Ilustração o peso da crítica aumentou, quando foram os próprios representantes eminentes da vida cultural que puseram em questão a existência de Deus. Com frequência os cristãos se desvencilharam na provocação, implicada na crítica, com fórmulas apologéticas superficiais. Esta postura não faz justiça à seriedade da questão.

A presente obra oferece pela primeira vez em forma de dicionário por autores (de Adorno a Wittgenstein) um compêndio da crítica religiosa mais recente, vista em seus representantes e escolas de maior relevo. De maneira sóbria e objetiva discutem-se os pontos de partida desde os quais os diversos autores desenvolvem sua crítica, e valoram-se os argumentos no contexto de seu sistema de pensamento. Deste modo se põe uma base para um diálogo leal e racional que conduz ao esclarecimento da própria postura da pessoa de fé. A bibliografia ao final de cada verbebe indica instrumentos de trabalho para aprofundar o estudo dos diversos autores.

Ed. H.

HAEFFNER, Gerd: *Antropologia filosófica*. / Tradução (do alemão) Cláudio Gancho. — Barcelona: Herder, 1986. 216 pp., 19,8 x 11,2 cm. (Coleção: curso fundamental de filosofia; 1) ISBN 84-254-1503-2

Com este volume Herder lança uma nova coleção que quer facilitar o estudo da filosofia a nível de iniciação e incitar a pensar de forma crítica. Para tanto, põe-se o empenho em apresentar os conceitos filosóficos de modo inteligível e em estruturar com clareza as matérias tratadas, a bibliografia remete a outras obras de consulta e estudo complementar.

No primeiro volume do "Curso fundamental de Filosofia" põe-se a pergunta sobre que é propriamente o homem e qual o sentido da vida humana, questão que constitui um dos problemas centrais da filosofia. Não obstante, a pergunta filosófica sobre o homem, oscilando entre a biologia e a reflexão transcendental, não encontrou ainda um lugar próprio. A presente obra se vê confrontada com esse problema da falta de lugar, mas tenta assumi-lo positivamente, passando através dos diversos níveis da tematização científica. Para isso é importante a referência às experiências espontâneas da vida e a aplicação dos modelos ontológicos de compreensão. Em todo momento se tem presente o carácter prático que tem a pergunta do homem sobre si mesmo.

Ed. H.

COLOMER, Eusebi: *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*, Tomo I: La filosofía transcendental; Kant. — Barcelona: Herder, 1986. 328 pp., 21,6 x 14,1 cm. (Coleção: biblioteca Herder; 174) ISBN 84-254-1519-5

Desde fins do séc. XVIII a linha diretriz da filosofia passa pela Alemanha. A partir de Kant a grande filosofia europeia começa a falar alemão. A série imponente de grandes filósofos que se sucedem quase sem solução de continuidade pelo espaço de mais de século e meio, desde Kant, Fichte, Schelling, Hegel, Kierkegaard, Marx, Nietzsche até Dilthey, Husserl e Heidegger, constitui um fenómeno único na história europeia. Aqui e não em outra parte, por obra de pensadores originais e criativos e não de meros epígonos, colocam-se e resolvem-se — bem ou mal — os grandes problemas espirituais, sociais e políticos da época moderna.

A obra que apresentamos, não quer ser uma história completa da filosofia alemã moderna e contemporânea. Como o título indica, trata-se de seguir um caminho que em grandes linhas, por caminhos tortuosos, leva efetivamente de Kant a Heidegger. Aí reside, com efeito, um dos traços mais peculiares e exemplares dessa etapa do pensamento alemão: que seu desenvolvimento constitui um caminho, uma gênese, um processo, numa palavra, uma "história" que pode ser "contada", como se conta qualquer outra história. Os autores seleccionados foram escolhidos a título de atores dessa história, de personagens por cujos dedos passam alguns fios da trama argumental. Esta circunstância explica — e o A. espera que também justifique — ausências e presenças.

Uma relativa novidade desta obra consiste no uso direto das fontes. Em qualquer caso, na exposição das diferentes filosofias, o A. pretende deixar que fa-

lem os próprios filósofos, muito mais abundantemente do que ocorre nas histórias da filosofia em uso. Isto deve ser válido em geral, de todos e cada um dos autores estudados, mas ainda mais daqueles três pensadores que constituem os três fios fundamentais dessa história, Kant, Hegel e Heidegger, e do tratamento dispensado a obras tais como as três *Críticas*, a *Fenomenologia do Espírito*, a *Enciclopédia das ciências filosóficas* ou *O ser e o tempo*.

O tomo II trata do idealismo (Fichte, Schelling e Hegel); o III, da filosofia existencial e do caminho a Heidegger.

Ed. H.

WEISMAHR, Bela: *Ontologia*. / Tradução (do alemão) Claudio Gancho. — Barcelona: Herder, 1986. 216 pp., 19,8 x 11,2 cm. (Coleção: curso fundamental de filosofia; 3) ISBN 84-254-1538-1

O presente tratado de ontologia e metafísica geral consta de duas partes. Na primeira o A. trata de autofundamentação (ou dito mais exatamente: da demonstração de uma fundamentalidade que já está dada) da metafísica, como uma ciência "sui generis", ao mesmo tempo que determina o objeto e, respectivamente, o método da metafísica. A parte segunda desenvolve — na medida do possível —, mediante o estudo dos temas clássicos que ocuparam a metafísica desde o começo, a compreensão originária que o homem tem do ser. Aí se demonstra sobretudo como a inteligência do ser, que só é acessível a um conhecimento supraconceptual e sempre análogo, pode expor-se em uma linguagem que se articula conceptualmente.

B.W. é professor na Escola Superior de Filosofia de Munique. Especializou-se no tema das relações que medeiam entre a fé religiosa e o pensamento filosófico.

Ed. H.

BROCKMAN, James R.: *Tiene que vencer el amor: textos de Mons. Oscar Romero*. / Apresentação Gustavo Gutiérrez. — Lima: CEP, 1988. 215 pp., 19,4 x 13,3 cm.

Com trechos das homilias de Mons. Romero, J.B. elaborou um verdadeiro breviário de textos escolhidos que bem mostram a espiritualidade que animava essa figura, sem dúvida a mais marcante e significativa do episcopado latino-americano nos últimos decênios.

A melhor apresentação que se possa fazer, é recordar um ou outro dos textos de Romero. Como, p. ex.:

"Não podemos segregar a palavra de Deus da realidade histórica em que se pronuncia, porque já não seria palavra de Deus. Seria história, seria livro piedoso,

uma Bíblia que é livro de nossa biblioteca. Mas se faz palavra de Deus porque anima, ilumina, contrasta, repudia, louva o que se está fazendo hoje nesta sociedade" (p. 25).

"De que adiantam belas rodovias e aeroportos, belos edifícios de muitos andares, se vão cimentados com sangue de pobres que não desfrutarão deles?" (p. 164).

"Muitos queriam que o pobre dissesse sempre: 'É vontade de Deus' que assim viva; e não é vontade de Deus que uns tenham tudo e outros não tenham nada. Não pode ser de Deus. De Deus é a vontade de que todos os seus filhos sejam felizes" (p. 91).

"Estas homilias querem ser a voz deste povo, querem ser a voz dos que não têm voz. E por isso, sem dúvida, caem mal aos que têm voz demais" (p. 169).

Enfim se poderia continuar respingando citações de grande densidade espiritual. Bastem estas para recomendar esta obra como livro de meditação para quem quiser aprender a santidade que o Evangelho pede de nós na situação em que vivemos.

F.T.
